



SINDICATO DOS BANCÁRIOS



DE LUTA POR DIREITOS E DEMOCRACIA

Íntegra do discurso da presidenta da Contraf-CUT, Juvandia Moreira, na solenidade que marcou o centenário do Sindicato

Boa noite. Quero começar essa fala com uma saudação afetuosa a todas as mulheres e em especial às companheiras bancárias do meu sindicato que faz cem anos. Cem anos em que as mulheres do Brasil tiveram que lutar, e muito, para garantir direitos básicos, como: o direito ao voto, instituído nove anos depois da fundação desse Sindicato; o direito a entrar em qualquer universidade; direito a escolher à quem amar; direito a fazer concurso público, por exemplo para entrar em um banco público.

Falar sobre a importância das mulheres é falar sobre as desigualdades históricas que tanto maltratam a classe trabalhadora brasileira. É na raça e no gênero que as desigualdades aparecem de forma mais gritante: nós ganhamos menos que os homens e se tratando de mulheres negras, a diferença é ainda pior, o desemprego nos atinge mais, estamos em empregos mais precarizados e, por isso, as lutas de classe, de gênero e de raça precisam sempre andar juntas.

Trazer as mulheres e suas lutas para o centro do debate sindical foi um dos maiores acertos dos cem anos do Sindicato dos Bancários e das Bancárias de São Paulo, Osasco e Região. E não estou falando apenas das importantes conquistas da ampliação da licença maternidade, auxílio creche e babá e o combate à violência contra a mulher, ou da cláusula sobre igualdade de oportunidades. Eu estou falando de como a luta das mulheres bancárias transformou a história do Sindicato, nos deu vez e voz e nos fez capazes de enfrentar momentos de dificuldade extrema em nossa história recente.

Com a nossa luta no setor bancário, as mulheres ocupam mais posições de liderança e têm um salário maior do que a média das mulheres no Brasil. Somos precursoras na negociação com o empregador de apoio às trabalhadoras nos casos de violência doméstica e combate ao assédio sexual no ambiente de trabalho.

Mas vejam, estamos falando de prevenção contra as formas mais cruéis de desigualdade: a violência física, psíquica e financeira. O mundo ideal não é apenas o mundo que não permite mais a agressão contra as mulheres. O mundo ideal é aquele que não permite nenhuma forma de discriminação e de desigualdade social.

Eu fui a primeira mulher a presidir o Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e região. Tive a felicidade de construir uma sucessão para a primeira mulher preta a assumir o Sindicato. No mesmo período, o Brasil assistiu um golpe de estado cercado misógina e de ódio contra a primeira mulher eleita presidenta da república, assistiu uma série de retrocessos nas políticas públicas para as mulheres, piorou nos números de violência de gênero e elegeu um machista, misógino e facista em 2018.

Nós sobrevivemos. E avançamos. Protegemos o sindicato, fortalecemos a negociação coletiva, defendemos os direitos e salvamos a vida de muitas bancárias e bancários durante a pandemia. Nesse mesmo período, eu tive a alegria de presidir a Contraf-CUT. E no movimento bancário nacional consolidamos a nossa unidade. No movimento nacional muitas mulheres, também assumiram o comando dos sindicatos e federações por todo o Brasil.

Muitas mulheres assumiram o protagonismo da luta sindical nacional, como: Marília Campos e Eliana Brasil, em BH; Mariza Stedile, Curitiba; Érika Kokai, Brasília; Fernanda Carízio e Adriana Nalesso, Rio de Janeiro; Suzineide, em Pernambuco; Jândira e Zênia na Paraíba; Ana Júlia, Rosalina e Tatiana, no Pará; Magali Fagundes, em Minas Gerais; Ivânia Pereira, no Sergipe.

A existência de um projeto político construído e sustentado por uma massa de trabalhadoras e trabalhadores que são a razão principal de todo o nosso trabalho é, hoje, a existência de um projeto de construção de lideranças femininas que foram capazes de medidas que atenuaram e muito os efeitos da crise política e financeira que

abateu o movimento sindical ao longo desses últimos anos.

Nós esperamos que com as mudanças da conjuntura a partir das eleições de 2022 o cenário se altere, mas nós precisamos dizer que essas mudanças só ocorrerão com a nossa participação, com o aumento da participação das mulheres em todos os espaços de representação da classe trabalhadora.

As respostas para o futuro do trabalho são as mesmas respostas que apontam para o fim de todas as desigualdades. Colocar uma mulher na presidência de um sindicato é um grito contra a desigualdade.

Nós não somos uma geração espontânea. Nós somos o resultado de um processo de muitas dirigentes mulheres que conquistaram espaço e voz em um mundo em que era mais difícil de lutar do que o nosso de hoje. Desde a criação da associação que deu origem a este sindicato, as mulheres bancárias puderam se filiar. Percebiam: em 1923 as mulheres não podiam votar, mas já poderiam se associar a esse sindicato. As duas primeiras diretoras, na década de 50, foram Consuelo Toledo, que eu tive o prazer de conhecer quando estava na presidência do sindicato e Silva e Maria Aparecida Galvão. Em 1957 foi criado o Departamento Feminino do Sindicato. São 65 anos desde a institucionalização da pauta de gênero na nossa estrutura. De 1991 para cá, dezenas de mulheres estiveram em cargos de direção no Sindicato.

Quero aqui lembrar de Maria da Glória Abdo, uma bancária que dedicou grande parte da sua vida a luta das mulheres bancárias e esteve conosco até o fim de sua gloriosa passagem.

Quero lembrar aqui de companheiras que compuseram e ainda compõem a direção do sindicato e tanto contribuíram para que chegássemos até aqui:

Tita Dias

Vani Fátima da Silva

Sandra Cajazeiras

Assi

Maria Lúcia Mathias

Adozinda Almeida

Ana Êrnica

Clarice Torquato

Aparecida Antero

Ana Lúcia Camargo

Ana Tércia

Raquel Kacelnikas

Deise Lessa

Juvandia Moreira

Rita Berlofa

Ivone Silva

Neiva Santos

Marta Soares

Aline Molina

Valeska Pincovai

Érica de Oliveira

Lucimara Malaquias

Vera Marchioni

Maria Rosani

Ana Beatriz Garbelini

Karen Souza

Ana Marta

E muitas outras.

E nessa nova direção seremos 48%.

Quero pedir uma salva de palmas para todas nós que lutamos para construir essa história de conquistas.

O que seria do Minha Casa Minha Vida se as chaves e escrituras não fossem entregues às mulheres? O que seria do Bolsa Família se o dinheiro não fosse depositado na conta das mulheres? Quando nós falamos em conquistas, em vitórias, elas serão praticamente impossíveis quando não derem conta da perspectiva de gênero de uma forma verdadeira, inclusiva e acolhedora.

Hoje já é possível dizer que um retrocesso na luta das mulheres é um retrocesso da sociedade. Cada vez que uma pessoa é atacada por conta de sua identidade de gênero, a humanidade dá um passo para trás. Cada vez que a perspectiva de gênero é respeitada e contemplada a sociedade dá um passo para frente. A conta está feita. O sindicato fez essa conta e o resultado é esse que vocês estão vendo.

Chega de dizer que a luta de gênero e de raça são lutas setoriais. Se uma luta sequer for setorial, nós vamos falhar como sociedade. Todas as lutas importam. É chegado o momento em que um avanço das mulheres bancárias será um avanço da categoria b, é chegará o momento de não precisarmos nem falar sobre isso mais, e aqui quero me dirigir aos companheiros bancários. Sobretudo para afirmar que essa realidade se manterá nos próximos cem anos no sindicato e sobretudo para que possamos entender de uma vez por todas que apenas assim avançaremos.

Lutamos por um mundo em que não exista mais violência e desigualdade contra as mulheres, a gente não quer mais explicar por que isso é tão importante, porque já chegou a hora dos homens entenderem, apoiarem e construir essa luta conosco.

O machismo existe, está dentro de todos e de todas nós. E precisamos superá-lo. O Sindicato é o exemplo de que essa luta é possível. Lutaremos. A dignidade da classe trabalhadora depende disso. O Brasil precisa desse passo. Viva a diversidade, viva a igualdade de gênero, viva as bancárias viva as mulheres brasileiras.